

SUBJETIVIDADE, SEXUALIDADE E GUERRA¹

abigail campos leal

I. GUERRA MUDA E GENEALOGIAS SILENCIOSAS

Não tenho maiores pretensões aqui, a não ser organizar um *experimento*, na medida em que, aqui, não se trata de propor *interpretações*, mas de *compartilhar experimentações*.

Experimento certa leitura de uma questão urgente e que aqui aparece como uma tentativa de enfatizar, nos escritos que surgem com as assinaturas *Tiqqun* e *Comitê Invisível*², a importância das *problematizações*

1 N. da E.: O artigo aqui apresentado, produzido especificamente para esta edição, é resultado de uma elaboração maior, iniciada para o encontro de 2016 do *Cidadãos, voltem pra casa!*.

2 É preciso ainda, em algum momento, evitando as confusões e mal-entendidos, analisar mais de perto essa relação tortuosa entre os escritos que aparecem sob a assinatura *Tiqqun* e *Comitê Invisível*. Certamente, não se trata da mesma coisa, como os contextos singulares de suas emergências e os seus próprios escritos bem apontam. Mas ainda assim seria potente, no contexto político-subjetivo que pretendo traçar a partir desses textos, investigar as zonas de vizinhança e as marcações de diferença ou mesmo de rupturas que surgem no limiar dessas duas assinaturas, dessas duas escritas.

subjetivas, afetivas, desejantes e sexuais como instâncias indispensáveis na criação e no gestar de acontecimentos insurrecionários mais amplos.

Ao enfatizar essa leitura subjetivo-sexual da insurreição, pretendo não apenas extraír as potências sexo-políticas das reflexões “tiqqunianas”, mas também apontar para certos limites que aí inevitavelmente se marcam – mesmo que esses limites não se exponham “claramente”. E no vácuo desse movimento, que extraí as potências e os limites dessa leitura, insiro outro ponto experimental desse exercício, a saber, que existe já, em curso, uma certa *leitura feminista e ‘queer’* (*cuir*, como já se escreve) do “inssurrecionarismo francês” – aquilo que se chama de *niilismo queer, queer anti-social, feminismo anti-social, feminismo negativo ou feminismo insurrecionário*.³ Pouco se ouve a respeito desse debate silencioso, que circula tanto através de fofocas e bafões no ambiente acadêmico “queer”, quanto em *zonas opacas de ofensividade trans-viada*. Isso é já sintomático de uma certa *recepção* dos escritos insurrecionários e da teoria feminista (“queer”) desde aká, e destaca menos um privilégio de *transmarikas* que acompanham esse debate trans-atlântico, do que a cis-virilidade opulenta dos “nossos” movimentos anti-sistêmicos, que ainda permanecem letárgicos e imóveis frente a importância

³ Todas essas rubricas de matriz estadunidense gravam-se num movimento duplo que, em primeiro lugar, deixa-se ver na academia, nas publicações de Lee Edelman, *No Future: Queer Theory and, Death Drive* (2004), e Jack Halberstam, *The Queer Art of Failure*, que marcam a chamada “virada anti-social na teoria queer”, mas que também vê-se nas ruas, nas ações e escritos da *BashBack!*, especialmente *Queer Ultraviolence: a Bashback! Anthology* (2012), culminando na revista *Baedan: a journal of queer niilism* (2012).

dos processos de des-subjetivação para a criação de situações insurrecionárias, e o sonambulismo de uma certa teoria feminista e das reflexões lgbttqs, ainda muito presas às narrativas fantasmáticas da não-violência e do assimilacionismo, alheias a uma infinidade invisível de *sapatrans* e *transmarikas* que estão lendo *Tiqqun* e outras insurrecionáries e discutindo *comunidade*, *insurreição*, autodefesa e *violência*, a partir de uma perspectiva *transfeminista*.

Esse debate é extenso, e o tempo escasso. As origens dessa história se multiplicam incessantemente. Retomo aqui, apenas dois textos emblemáticos de uma *genealogia* que ainda não existe. Esse recorte é motivado tanto pela *potência disruptiva* e pela *funcionalidade maquinica* dessas escritas, quanto pelo *silêncio* com que foram recebidos, sobretudo nos meios inssurrecionários e feministas: *Introdução à guerra civil*, que apareceu em *Tiqqun* #2, França, 2001, e *Rumo a mais queer das insurreições*, sob a emblemática e opaca assinatura de *Mary Nardini Gang*, EUA, 2008. Esses dois textos, cada um à sua maneira, formariam capítulos de algo que poderíamos denominar como um “*manual prático de guerrilha subjetiva*”. Esse manual, se existisse, longe de ditar uma *moral*, compartilharia uma *ética*. É nas zonas cinzentas dessa ética insurgente, dessa tal *guerrilha subjetiva*, que pretendo dar marcha a esse experimento: um experimento que, com um nariz *transmarika*, fareja os odores sexo-afetivos na “*insurreição tiqqunista*”, e com um nariz insurrecionário, fareja uma ética *guerrilheira* no feminismo da *Gangue Nardini*.

II . DIAGNÓSTICO DO PRESENTE: GUERRA CIVIL E (HETERO)NORMALIDADE

Do ponto de vista estratégico, para armar uma ofensiva ou iniciar um recuo ofensivo, é preciso conhecer o terreno onde se luta. Nesse sentido, esses manuais precisam também funcionar como um tipo de *diagnóstico*. Assim, o diagnóstico “tiqqunista”, não deixa de refletir o *tremor* da situação que deveria apenas diagnosticar: sob a calmaria da *netflixização ontológica* do capitalismo contemporâneo, ouve-se a preparação de uma guerra declarada. “O Estado Moderno, que tem como objetivo pôr fim à guerra civil é, por outro lado, a sua continuação por outros meios”.⁴ Do ponto de vista genealógico, essa leitura tem uma filiação dupla: por um lado reflete os apontamentos foucaultianos a respeito da guerra como modelo de gestão política e do racismo de Estado como paradigma político do Ocidente, e, por outro, ecoa as reflexões do *anarquismo insurrecionário* (russo, francês e latino-americano) de fins de século XIX, com a chamada tese da *guerra social*, que defende que os conflitos sociais no capitalismo são geridos a partir de estratégias governamentais bélico-militares, funcionando tanto como uma *guerra declarada*, quanto uma *pacificação armada*.

A “guerra civil imperial” certamente possui uma dimensão material, pois é através do *sangue* também que se produz a política na contemporaneidade:

⁴ Tiqqun, *Introduction to Civil War* (Los Angeles, Semiotext(e), 2010), p. 79, Af. 38.

“Atualmente, só existe assassinato, quer ele seja condenado, perdoado, ou mais frequentemente, negado” (*Tiqqun*, 2010: 188).⁵ Em outros contextos, e através de outras assinaturas, essa tese se materializa para além de um possível “lirismo tiqquniano”, sobretudo quando destacam-se, aí, os processos de militarização e policiamento, tanto das favelas dos países periféricos quanto das grandes metrópoles dos países centrais, a gentrificação galopante e as remoções brancas nas grandes cidades globais, o avanço das dinâmicas biopolíticas de xenofobia no controle das fronteiras, o crescimento do racismo ambiental gerado pelas grandes catástrofes sócio-ambientais, a precarização do trabalho que empurra cada vez mais pessoas para o endividamento ou para o limbo *para-cidadão* do trabalho informal e do desemprego estrutural, o crescimento da violência de gênero em todas as suas formas. Entretanto, apesar de toda essa materialidade da guerra civil, *Tiqqun* desloca as premissas da *guerra civil* tradicional, e é esse giro que aqui deve ser seguido no passo, pois ela deve ser encarada como uma guerra armada constante e bem definida:

“eu não vou demonstrar a permanência da guerra civil, olhando com olhos esbugalhados os momentos mais lindos da guerra social [...] eu vou mostrar como a guerra civil continua mesmo quando se diz que ela está ausente ou sob controle”.⁶

5 Idem, p. 188. Sobre a materialidade da guerra civil imperial, ver Comitê Invisível, *A Insurreição que Vem*, especificamente o *Posfácio*, o *Quarto* e o *Sétimo Círculo* (2013); *L'Appel* (2007); e *A guerra apenas começou* (s.d.).

6 *Tiqqun*, *Introduction to Civil War* (op. cit.), p. 179.

Esse giro é múltiplo e se desdobra. Por um lado, se essa guerra é tanto produzida nas batalhas quanto nos momentos de “paz”, a sua gestão se dá tanto na materialidade da carne quanto na espectralidade das subjetividades.

“A guerra civil é o jogo livre das formas-de-vida. Guerra porque em cada jogo entre as formas-de-vida, a possibilidade de um confronto feroz – a possibilidade da violência – nunca pode ser descartada. Civil porque o confronto entre formas-de-vida não é como o confronto entre Estados – a coincidência entre uma população e um território –, mas como um confronto entre partidos, no sentido que essa palavra tinha antes do advento do Estado Moderno”.⁷

Assim, por outro lado, mas ainda aí, *Tiqqun* destaca que a *produção de subjetividade* é um dispositivo ético-ontológico de gestão e produção da *guerra civil*, tão ou mais importante quanto o exército ou a polícia – não por menos, no aforismo 60 lê-se: “No império, a diferença entre a polícia e a população é abolida. Todo cidadão do Império pode revelar-se como um policial”.

No Império, portanto, a guerra se propaga não sómente através da violência direta ou de uma repressão mais crua (na figura do policial), mas também através de processos de assujeitamento subjetivo (produzir um policial em cada coração cidadão), na medida em que, para se produzir um assassinato, retomando *Tiqqun*, é necessário que se produza o assassino.

⁷ Idem, p. 32-33, Af. X e XI.

É, portanto, por meio de uma modulação subjetiva da cidadania que o jogo imperial da guerra civil se faz. O cidadão traz *inscrito* na sua *subjetividade* as leis do Império, produzindo-o e atualizando-o incessantemente.

“O cidadão é qualquer coisa que mostre algum grau de neutralização ética, alguma atenuação que é compatível com o Império [...] Não estamos lidando tanto com individualidades e subjetividades, mas com individualizações e subjetivações – transitórias, descartáveis, modulares”.⁸

Essa neutralização ética no cidadão não é simplesmente um vazio passivo, fruto de um poder opressor, mas um ponto ativo na modulação subjetiva da contemporaneidade, que define o *cidadão* como *aquilo que recua frente ao que há de político na guerra*. O *cidadão* é a circunscrição carnal e espectral da norma imperial transformada em forma-de-vida, isto é, em processos ontológicos e subjetivos de produção de identidades.

Assim, o Império apresenta-se também como o regime da norma e “sob o regime da norma, nada é normal, mas tudo deve ser *normalizado*. O que funciona aqui é um paradigma positivo de poder”.⁹ A normalização, no contexto da guerra, emerge como a anulação ética do ‘indivíduo’, que emerge, assim, enquanto cidadão. *Tiqqun* diz que aí há um paradigma positivo de poder porque a gestão da guerra no Império não procura

8 Idem, p. 140, Af. 55.

9 Idem, p. 132.

excluir o inimigo, mas re-modulá-lo na forma do derrotado, ou do aliado eticamente anulado, o que dá no mesmo – a essas duas formas, produzidas através das normalizações, isto é, dos assujeitamentos imperiais, pode-se dar o nome de cidadão (normal).

Por outro lado, no contexto de uma outra guerra civil, mais *transviada*, a *Gangue Nardini* retoma o tema da normalidade para pensar as políticas de gênero e sexualidade no capitalismo contemporâneo estadunidense.

“Enquanto queers, nós entendemos de Normalidade. Normal é a tirania da nossa condição; reproduzida em todas as nossas relações. Normalidade é a violência reiterada a cada minuto e a cada dia. Nós entendemos essa Normalidade enquanto a Totalidade. Sendo a Totalidade a interconexão e sobreposição de todas as opressões e misérias. A Totalidade é o Estado. É o capitalismo. É a civilização e o império. A totalidade é a crucificação. É o estupro e o assassinato pelas mãos da polícia. É o ‘discreto e fora do meio’ e o ‘não curto gordos ou afeminados’. É o ‘queer eye for the straight Guy’. São as brutais lições ensinadas para aquelxs que não conseguem atingir o Normal. São todas as formas que nos limitamos ou aprendemos a odiar os nossos corpos. Nós entendemos de normalidade até demais”.¹⁰

Que a heterossexualidade crie uma certa *atmosfera pacificada* em nome da “tolerância” e da “diversidade” e que apareça enquanto uma mera “opção sexual”,

¹⁰ Mary Nardini Gang, *Towards the queerest insurrection* (Milwaukee, 2012), Af. II.

ao contrário de um *regime político*, como sugeriu a lesbo-feminista Monique Wittig, tais fatos reafirmam a potência do deslocamento tiqquniano da teoria da guerra civil: a guerra heteronormal, assim como a guerra imperial, se faz mais numa sombria *pacificação incessante*, do que em irrupções bem definidas de guerra declarada. Aqui a heterossexualidade é experimentada enquanto uma certa modulação da *guerra civil*, que aniquila expressões e performatividades de gêneros não-binárias e pessoas não-heterossexuais, tanto no nível material, da carne, quanto no nível subjetivo (espectral), da alma. A heterossexualidade, assim, se expressa através da *guerra social*. Entretanto, essa guerra não possui sujeitos fixos e nem fronteiras identitárias bem delimitadas, de modo que gays, lésbicas e todo o tipo de margem sexo-política não estão longe do assujeitamento Normal que reproduz e reitera essa guerra (dentro de si, primeiramente).

FORMA-DE-VIDA E DES-ASSUJEITAMENTO

É que tanto a *guerra civil* a que *Tiqqun* alude, quanto a *guerra (hétero)social* que lemos na *Gangue Nardini*, apontam para o fato de que a guerra se reproduz não tanto pela força de “sujeitos hostis”, mas pela criação molecular de uma *zona de hostilidade generalizada*. A *hostilidade*, de acordo com *Tiqqun*, emerge quando

“dois corpos animados por formas-de-vida que são absolutamente alheias uma a outra, se encontram num determinado momento e num determinado lugar [...]”

Hostilidade é, portanto, a impossibilidade de corpos que não caminham juntos, de reconhecerem um ao outro enquanto singularidades".¹¹

Assim, a hostilidade não seria um encontro de formas-de-vidas diferentes, mas de formas-de-vidas tão alheias que não são capazes de se reconhecer enquanto diferentes, e, portanto, de reconhecer e respeitar suas singularidades.

"Hostis podem ser aniquilados, mas a esfera da hostilidade em si não pode ser reduzida ao nada".¹²

Isso implica que, do ponto de vista de uma *ética da guerra civil*, retomando o termo de *Tiqqun*, o foco não deve ser a aniquilação dos Hostis, mas a *destruição* da zona de hostilidade (generalizada) que, em última instância, produz a própria hostilidade, e portanto, o próprio hostil. Quando a *Gangue Nardini*, por outro lado, escreve que "queer é uma posição através da qual se ataca o normal; melhor, uma posição através da qual se comprehende e ataca as formas através das quais o normal é produzido",¹³ temos aí também uma estratégia, ou melhor, uma (outra) *ética da guerra civil*. Assim, não é tanto o (hetero)Normal, enquanto uma modulação sexual da Hostilidade imperial, que deve ser atacado pelas "queers", mas as condições através das quais essa Normalidade (enquanto zona de hostilidade) é produzida.

11 Tiqqun, *Introduction to Civil War* (op. cit.), p. 46, Af. 18.

12 Idem, p. 48, Af. 20.

13 Mary Nardini Gang, *Towards the queerest insurrection* (op. cit.), Af. VII.

Se pudéssemos exemplificar com uma situação *tupiniquim* (*tupinikaos*), diríamos que na guerra (hétero)social, trata-se de eliminar a situação da violência policial (de Estado), em que a polícia militar extermina a população preta e da favela ou as travestis que se prostituem nas esquinas, mas trata-se também de desmantelar a *zona de (hétero)hostilidade* geral que produz subjetividades hostis, como um “bolsonarismo ontológico”, dispositivo ontológico de forma-de-vida hostil, que reiteram a violência policial em cada comentário fascista na seção policial do G1. Se para *Tiqqun*, uma insurreição passa mais pela destruição da hostilidade do capitalismo, do que pela aniquilação de capitalistas hostis, para a *Gangue Nardini*, uma *insurreição ‘queer’* passa mais pela destruição da hostilidade (hétero)Normal, do que pela aniquilação de Héteros Hostis.

Livrar-se, ao menos dar marcha a esse processo, dessa esfera da hostilidade acoplada na forma-de-vida cidadã, implica, como já mencionei, a construção de *exercícios ético-ontológicos de dessubjetivação sexo-afetiva*. Na medida em que a “hostilidade me distancia da minha própria potência”,¹⁴ para me colocar em situações de empoderamento, preciso *me distanciar de situações hostis*, isto é, em primeiro lugar, da *hostilidade em mim*. Destaco aqui somente uma força hostil que *Tiqqun* nos alerta, que reafirma a tese do meu experimento, a saber, que uma *situação insurrecionária* se constrói em conjunto com processos de *dessubjetivação e desterritorialização sexo-afetiva*; trata-se do amor:

14 *Tiqqun, Introduction to Civil War* (op. cit.), p. 52, Af. 23.

“Nesse leque de falsas alternativas, o amor tem funcionado como uma forma de reduzir a possibilidade infinita de uma reconfiguração do jogo entre as formas-de-vida. Sem dúvidas a pobreza ética do presente, que equivale a um tipo de coerção permanente em direção ao casal, deve-se fortemente a esse conceito de amor. Para prová-lo, seria suficiente relembrar como, através de todo o processo ‘civilizatório’, a criminalização de todos os tipos de paixões acompanhou a santificação do amor como única e verdadeira paixão”.¹⁵

O Amor, aqui, funciona como um dispositivo imperial de hostilidade, que separa o meu corpo das minhas potências, criando uma situação de *anulação ética*. Amor é a aquilo que, ao filiar os casais na miséria afetiva, separa a multidão desejante de sua coalisão político-subjetiva. Portanto, para *Tiqqun*, uma reconfiguração da *economia sexo-afetiva*, (amizades intensas, orgias, relações abertas, dessexualizações, relações BDSM...) na medida em que nos coloca em situação de experimentar *outras paixões* que não o amor, funciona como um processo de dessubjetivação, e aí mesmo, enquanto um elemento importante, indispensável, talvez, para a criação de *situações insurrecionárias*.

De forma semelhante, para a *Gangue Nardini*:

“no nosso discurso queer, estamos falando de espaços de luta contra essa totalidade – contra a normalidade. Por ‘queer’ nós entendemos ‘guerra social’. E quando falamos em queer como um conflito contra todas as formas de dominação, nós estamos falando sério”.¹⁶

15 Idem, p. 54, Af. 24.

16 Mary Nardini Gang, *Towards the queerest insurrection* (op. cit.), Af. IV.

Assim, “queer” não seria uma *identidade positiva*, mas, na potência da espectralidade, uma *forma-de-vida (o) posicional*, que se define, antes, mediante uma posicionalidade insurgente, figurando aquilo que confronta, desloca e faz *desviar* os dispositivos de (hetero)normalização.

DA COMUNIDADE À MANADA

Até agora procurei pintar um pouco do quadro geral da *guerra civil* em *Tiqqun* e da *guerra (hétero)social* na *Gangue Nardini*, que se articulam, em partes, por meio das “esferas de hostilidade” e da “normalidade”, respectivamente. Entretanto, se a guerra civil se faz, como vimos, através das *formas-de-vida*, não é só através de formas-de-vida hostis-cidadãs e (hetero)normais que ela se faz. Por todos os lados onde isso escapa, e isso escapa por todos os lados, a guerra é reelaborada incessantemente.

Para *Tiqqun*, a *guerra civil* se propaga, como vimos, não tanto por meio da materialidade bélica do assassinato, mas na espectralidade da produção subjetiva e desejante (*formas-de-vida*). Nesse sentido, processos de *dessubjetivação* e de *desterritorialização afetiva/desejante* adquirem um valor estratégico crucial na construção de situações insurrecionárias. Derrotar a zona (esfera) da hostilidade é, em primeiro lugar, derrotar a esfera de hostilidade *em nós*. É um *exercício ético-ontológico* de assassinar o hostil em nós, de desconfigurar a forma-de-vida hostil que, no contexto da Hostilidade imperial (ou da heteroNormalidade),

invariavelmente, acabamos, com mais ou menos intensidade, reproduzindo nos nossos gestos mais íntimos, na profundidade de nossos desejos, nos recônditos de nossos afetos e na cotidianidade de nossas vidas. Mas ao contrário do que pode parecer, esse exercício não é individual, já que

“a minha forma-de-vida significa, portanto, que minha relação comigo mesmo é apenas uma parte da minha relação com o mundo”.¹⁷

Portanto, a experiência de dessubjetivação é uma experiência social, e aí mesmo ela demonstra sua face insurrecionária. Me dessubjetivizar significa me colocar em situações de desterritorialização e assim, buscar corpos que aumentam minha força e que compõe com a minha forma-de-vida:

“... quando eu encontro um corpo afetado pela mesma forma-de-vida que eu, isso é comunidade, e me coloca em contato direto com a minha potência”.¹⁸

Amizade seria, assim, um outro nome dessa rede (rizoma) de subjetividades em deserção, que equaciona dessubjetivação com a desterritorialização afetiva, ali no encontro com outras formas-de-vida (que compõem com a minha). No contexto do império, “Amizade e inimizade são conceitos ético-políticos” (Af. 24).¹⁹ A

17 Tiqqun, *Introduction to Civil War* (op. cit.), p. 27, Af. 7.

18 Idem, p. 44, Af. 16.

19 Idem, Af. 24.

amizade como encontro ético-político na guerra civil representa tanto a fuga intencional da forma-de-vida imperial, que nos empurra ao encontro, quanto o acaso cósmico que gera essas *cumplicidades terríveis*:

“Quando, num certo espaço e num certo tempo, dois corpos afetados pela mesma forma-de-vida se encontram, eles experienciam um pacto objetivo, que precede qualquer decisão. Eles experienciam uma comunidade”.²⁰

Assim, a *amizade* não representa o fim da guerra civil, mas a sua *reelaboração insurrecionária* através de uma *forma-de-vida que desterritorializa a hostilidade cidadã em agenciamentos coletivos*.

Para a *Gangue Nardini*, “queer”, como reconfiguração da guerra civil, não implica na produção de uma identidade individual, mas em des-assujeitamentos coletivos. Logo após falar que “queer” é uma posição de ataque à norma, lemos:

“A história das queers organizadas nasceu dessa posição. As pessoas trans racializadas e as prostitutas mais marginalizadas sempre foram catalisadoras das maiores explosões de revolta queer. Essas explosões foram acompanhadas de análises emocionadas que afirmavam que a libertação das pessoas queers está intrinsecamente ligada à destruição do capitalismo e do Estado”.²¹

20 Idem, p. 37, Af. XIII.

21 Mary Nardini Gang, *Towards the queerest insurrection* (op. cit.), Af. IV.

Esse processo é rizomático, pois quando uma ética da guerra civil não passa por um agenciamento coletivo, ela torna-se a sua versão empobrecida, a guerra de “todxs contra todxs”.²² A respeito disso, por meio de outra assinatura – a de algo que não se pode mais chamar de *Gangue Nardini* –, lê-se:

“Na nossa revolta, estamos desenvolvendo uma forma de jogar. Esses são os nossos experimentos em termos de autonomia, poder e força. Nós não pagamos por nada que estamos vestindo e raramente pagamos por comida. Roubamos do nosso trabalho e fazemos umas maracutaias para sobreviver. Nós transamos em público e nunca gozamos tão gostoso. Compartilhamos dicas e fraudes em meio a fofocas e akuedações. Nós saqueamos a porra toda e temos prazer em compartilhar as recompensas. Destruímos coisas à noite, damos as mãos e voltamos saltitando pra casa. Estamos aumentando cada vez mais nossas estruturas de apoio informal e sempre teremos o apoio uma das outras. Em nossas orgias, motins e assaltos, estamos articulando a coletividade e aprofundando essas rupturas”.²³

Mas apesar desse processo de desassujeitamento, essa guerrilha subjetiva, ser um processo coletivo, ainda assim, a sua escala estaria mais próxima da micropolítica. Não se trata de formar um partido internacional da insurreição, mas de multiplicar ou “espalhar uma certa ética da guerra civil”...

22 Idem, Af. 42.

23 Bash Back!, *Queer Ultraviolence: Bash Back! Anthology* (S/l: Ardent Press, 2012).

“No fim das contas, meu objetivo não é óbvio. Para aqueles que estão familiarizados, é possível sentir de qualquer parte, e para aqueles que não fazem ideia, estará completamente ausente”.²⁴

Não se trata aí de uma convocação pastoral, de uma pretensão ético-política universalista, mas de um *chamado*, e um chamado se faz para aquelxs que podem ouvir, para aquelxs com ouvidos sensíveis. Esse experimento, como um exercício de guerrilha afetiva, não deixa também de ser um chamado, escrito sempre com *azamiga* em mente, como que dialogando com elxs, mas também com os fantasmas de estupros coletivos, de ataque héteroristas, chacinas policiais, espancamientos racistas....

Um chamado à guerra, um chamado para que nos encontremo-os? Certamente! Mas, retomando a importância da escala micropolítica, um chamado ao *debate* e à multiplicação de vozes (e escritas) insurrectas, um chamado ao *bate-bapho*...

24 Tiqqun, *Introduction to Civil War* (op. cit.), p. 64, Af. 31.

Referências Bibliográficas

- Baeden, Baeden: *A Journal of Queer Nihilism* (Seattle, 2012).
- Bash Back!, *Queer Ultraviolence: Bash Back! Anthology* (S/I, Ardent Press, 2012).
- Comitê Invisível, *A Insurreição que Vem* (Recife, Edições Barata, 2012).
- _____ *E a guerra acaba de começar* (Brasil, Hurrah e Coletivo Bonnot Edições, SD).
- Edelman, Lee, *No Future: Queer Theory and Death Drive* (Durhan, Duke University Press, 2004).
- Halberstam, Jack, *The Queer Art of Failure* (Durhan, Duke University Press, 2011).
- Mary Nardini Gang, *Towards the queerest insurrection* (Milwaukee, 2012)
- Tiqqun, *Introduction to Civil War* (Los Angeles, Semiotext(e), 2010).